



VOZ DA FÁTIMA

Director e Editor: Mons. Manuel Marques dos Santos — Seminário de Leiria
Proprietária e Administradora: «Gráfica de Leiria» — Largo Cónego Maia — Telef. 22336
Composto e impresso nas oficinas da «Gráfica de Leiria» — Leiria

ANO XLVI — N.º 561
13 DE JUNHO DE 1969
PUBLICAÇÃO MENSAL

Avença

A Peregrinação Nacional de Maio ao Santuário da Fátima

Muitas centenas de milhar de peregrinos, vindos de todos os pontos do País e de diversas nações da Europa e da América, tomaram parte nas grandiosas cerimónias dos dias 12 e 13 de Maio em honra de Nossa Senhora da Fátima.

Diversos jornalistas calcularam que estiveram na Cova da Iria para cima de 500 mil pessoas.

As cerimónias foram presididas por S. Em.^o o Cardeal Agnelo Rossi, Arcebispo de São Paulo, do Brasil, em cuja arquidiocese, como S. Em.^o declarou à chegada a Lisboa, residem para cima de 700 mil portugueses.

O Cardeal Arcebispo de S. Paulo chegou a Lisboa no dia 10 e veio para a Fátima no dia 12, onde deu entrada solene, às 19 h. Aguardaram S. Em.^o e apresentaram-lhe cumprimentos o Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, os Arcebispos de Braga, Évora, Beja, Cizico, e os Bispos de Vila Real, Gerafi, Agbia, Bragança, Mitilene, Administrador Apostólico do Porto, Bispos de Portalegre, da Guarda, Porto Amélia, Coadjutor de Lamego e Auxiliares do Porto e de Leiria, e Bispos de Carmona e da Beira.

Dirigindo-se à capela das Aparições, o Cardeal Rossi e os outros Prelados rezaram diante da veneranda imagem de Nossa Senhora da Fátima, seguindo em cortejo para o altar exterior da Basilica onde o Senhor Bispo auxiliar de Leiria, na impossibilidade do Sr. D. João Pereira Venâncio, que estava doente, saudou o ilustre Purpurado. S. Em.^o respondeu com uma vibrante saudação aos peregrinos, aos quais recordou a presença do Santo Padre Paulo VI no Santuário, em 13 de Maio de 1967. O Em.^o Cardeal de S. Paulo e todos os outros Bispos deram a bênção à multidão.

A intenção principal da peregrinação foi rezar, em união com o Santo Padre, pela paz no mundo e na Igreja.

As cerimónias foram precedidas de um tríduo de pregação pelo Rev. P.^o José Craveiro da Silva, S. J.

No dia 12, às 6.30 h, iniciou-se a via-sacra para o Calvário húngaro. Presidiu o Rev. P.^o Luís Kondor, Postulador da Causa da Beatificação dos videntes Jacinta e Francisco Marto. Junto de cada estação da via-sacra, foram feitas pequenas meditações em 6 línguas. Na Capela de Santo Estêvão do Calvário húngaro o Senhor Dom Domingos de Pinho Brandão presidiu à concelebração de 7 sacerdotes e fez uma homília alusiva. Antes, benzeu um motor ali colocado para dar luz eléctrica à Capela.

O Senhor Bispo coadjutor de Lamego, Dom Américo Henriques, celebrou a missa vespertina na qual tomaram parte muitos milhares de fiéis entre os quais 250 soldados do campo militar de Santa Margarida.

Como de costume, cerca das 22 h, rezou-se o terço acompanhado a cânticos e fez-se a exposição do Santíssimo Sacramento com pregação.

Em seguida, procissão eucarística que percorreu o recinto coalhado de velas acesas. Ao púlio pegaram os alunos finalistas da Academia Militar e do Colégio Militar, que com os respectivos comandantes e capelães militares, vieram em larga representação assistir à peregrinação. O Senhor Bispo Auxiliar de Leiria conduziu o Santíssimo Sacramento e deu a bênção a toda a multidão.

No dia 13, celebrou a missa das 6.30 h o Senhor Dom Francisco Maria da Silva, Arcebispo de Braga. Algumas dezenas de

sacerdotes ajudaram o celebrante a dar a sagrada comunhão. Comungaram para cima de 65.000 fiéis.

Depois, como preparação para a solene concelebração, recitou-se o terço e fez-se a procissão da veneranda imagem de Nossa Senhora para o altar da escadaria. Tomaram parte na procissão os Cardeais, Arcebispos e Bispos, muitos sacerdotes, seminaristas, peregrinos estrangeiros, etc. Numerosas bandeiras, entre as quais uma francesa, abriam o cortejo que percorreu o recinto entre milhares de fiéis que cantavam em honra da Virgem Maria.

Em lugar especial, do lado esquerdo do altar, assistiram à missa o Senhor Almirante Américo Tomás e sua esposa, e do lado direito do altar, na Colunata, estiveram presentes os Governadores civis de Santarém e Leiria, Dom Duarte Nuno e Infanta D. Filipa, o Presidente da Câmara de Vila Nova de Ourém, director do Colégio Militar, a embaixatriz das Filipinas e os peregrinos estrangeiros, entre os quais alguns brasileiros.

Entre os doentes contavam-se 25 provenientes da Itália e que faziam parte do quinto grupo conduzido à Fátima pela UNITALSI.



Em.^o Cardeal Agnelo Rossi, Arcebispo de S. Paulo, Brasil, que presidiu à Peregrinação Nacional de Maio

Presidiu à concelebração o Sr. Cardeal Agnelo Rossi e participaram no santo sacrifício o Sr. Cardeal Gonçalves Cerejeira, os Arcebispos de Évora, Beja, Mitilene, Cizico, Bispos de Vila Real, Gerafi, signatário de Vila Real, de Bragança, Portalegre, Guarda, Porto Amélia, Administrador Apostólico do Porto, Auxiliares de Leiria e do Porto, Coadjutor de Lamego, Mons. Acerbi, Auditor da Nunciatura Apostólica, Mons. Marcondes, secretário do Cardeal Rossi. Ao evangelho o Cardeal Arcebispo de São Paulo pronunciou a homília que damos com o devido relevo noutra local.

Finda a missa, o Cardeal de São Paulo deu a bênção aos doentes e a toda a multidão, terminando as cerimónias com a procissão do adeus na qual se incorporaram os dois Cardeais, os Senhores Bispos, o Senhor Presidente da República, esposa e restantes individualidades.

Entre os peregrinos contava-se a Sr.^a D. Margarida de Jesus Rebelo, residente na Guarda, que em 13 de Maio de 1944 se viu livre de doença dada como incurável pelos médicos. A sua cura foi objecto de largo estudo de Mons. Manuel Mendes do Carmo, da Guarda, publicado num livro intitulado «Brilhante Milagre em Fátima».

Vinte e cinco anos depois, D. Margarida de Jesus Rebelo veio à Fátima, com seu marido, agradecer, mais uma vez, a Nossa Senhora a graça da sua cura.

Os serviços de lava-pés do Hospital registaram uma afluência de peregrinos e de doentes, maior que nas peregrinações anteriores. Foram tratadas para cima de 6.000 pessoas e atenderam-se mais de 500 doentes.

No fim das cerimónias, o Senhor Bispo Auxiliar de Leiria entregou ao Em.^o Cardeal Rossi 3 volumes encadernados da obra «Fátima, Altar do Mundo», bem como o album comemorativo da peregrinação do Santo Padre Paulo VI à Fátima. O ilustre Cardeal de São Paulo levou ainda para a sua Sé uma caixa com terra colhida no local onde a Santíssima Virgem apareceu em 13 de Maio de 1917.

Foram benzidas 3 imagens de Nossa Senhora da Fátima para o Vietname do Sul.

Os serviços da ordem no recinto, organização das peregrinações e assistência aos doentes estiveram, como sempre, a cargo duma equipa de médicos, alguns dos quais do Porto, e de mais de duas centenas de servitas, homens e senhoras.

Os serviços da organização do trânsito estiveram a cargo da Polícia de Viação e Trânsito; os da segurança, a cargo da Polícia de Segurança Pública, sob a direcção do comandante distrital de Santarém.

HOMILIA DO CARDEAL AGNELO ROSSI

Veneráveis Irmãos e dilectos Filhos

Uma voz do Brasil, filha dilecta de Portugal, vem associar-se ao louvor dos representantes de outras nações, nesta peregrinação nacional e internacional à Fátima, para proclamar Bem-aventurada Maria Santíssima, Mãe de Deus e nossa Mãe e Rainha.

Aqui, na Cova da Iria, há dois anos precisamente, o Sumo Pontífice, o Papa Paulo VI, deu-nos pessoalmente o estímulo da piedade mariana, característica da Fátima, que pela oração e penitência, busca sinceramente o encontro com Deus.

Oração e penitência. Nada de mais autêntico no âmbito da verdadeira piedade cristã. A oração, de facto, deve ocupar um lugar de suma importância na vida da Igreja. É o que nos ensinam as palavras de Cristo quando Ele declarou ser desejo do Pai encontrar adoradores em espírito e verdade (1). É o que nos revelam a recomendação do Salvador de rezarmos com toda a confiança (2) e a do Apóstolo São Paulo de não esmorecermos na oração (3). É o que nos indica a visão global do cristianismo, da sua essência religiosa, do seu designio sobrenatural

● Continua na 2.ª página

Homilia do Cardeal Rossi

CONTINUAÇÃO

de relação entre Deus e o homem, da sua mensagem de vivificação das almas, da vocação de cada fiel ao sacerdócio real que o autoriza a travar diálogo com Deus, chamando-Lhe Pai (4). É, enfim, o que nos estão continuamente a sugerir as múltiplas e prementes necessidades da Igreja. A oração funde-se com a fé no mesmo acto. A oração exprime com perfeição a esperança. A oração identifica-se com a caridade. Constitui, portanto, o grande meio de salvação e, ao mesmo tempo, o fim supremo e próximo da verdadeira religião (5).

Por sua vez a penitência, encarecidamente recomendada pela Revelação divina, tanto no Antigo (6) como no Novo Testamento (7), representa a maneira mais concreta e natural pela qual o homem, chamado a tomar parte na obra salvífica de Cristo como membro de seu corpo, participa também na expiação que Ele ofereceu por todos. A Igreja de Deus é, por vocação divina, santa e irrepreensível. Contudo, nos seus membros que ainda peregrinam nesta terra, é imperfeita e defectível. E, por conseguinte, continuamente necessita de conversão e renovação. Mas, estes dois movimentos fundamentais da espiritualidade cristã aonde não buscar adequada concretização senão na penitência interior e exterior, individual e colectiva? Além disso, pelo facto de ter recebido a missão de indicar aos homens o recto uso das coisas deste mundo, a Igreja possui também o dever de inculcar a penitência. É esta que, manifestada em suas diversas formas, os defende do perigo constante de se deixarem seduzir pela miragem fugaz das realidades terrenas (8).

Oração e penitência. É este binómio da mais alta espiritualidade religiosa que localiza o culto constante prestado em Fátima à Mãe de Deus na linha da genuína piedade mariana: a que tem Cristo por centro, a que se orienta para Cristo, a que se baseia na mediação de Cristo e dela inteiramente depende.

A profecia da humilde Virgem de Nazaré: «Todas as gerações me chamarão bem-aventurada porque o Poderoso operou em mim prodígios» (9) tem-se cumprido literalmente desde o início e através de toda a história. Desde o primeiro século do cristianismo e, de modo particular, a partir do Concílio de Éfeso, o culto que o povo cristão tributa à Mãe de Deus, foi continuamente crescendo em veneração e amor, em invocação e imitação. Manifestou-se em formas diversas de piedade que a Igreja, atendendo à índole e ao modo de ser dos fiéis, aprovou dentro dos limites da sã e ortodoxa doutrina segundo as circunstâncias dos tempos e lugares. É que, pela honra tributada à Mãe, o Filho «pelo qual existem todas as coisas» (10) e no qual aprouve ao eterno Pai que habitasse toda a plenitude da divi-

dade (11) é conhecido, amado e glorificado e os seus mandamentos bem observados (12).

Com efeito, a Igreja, como corpo de Cristo, e os fiéis, como membros deste corpo, devem venerar a memória de Maria (13). Ela supera todas as criaturas celestes e terrestres, pois, tendo recebido o Verbo de Deus em Seu seio e tendo trazido ao mundo a Vida, é com razão reconhecida e honrada como verdadeira Mãe de Deus e do Redentor. É, portanto, a filha predilecta do Pai, o Sacrário do Espírito Santo. Em vista desta excelsa dignidade foi redimida por Cristo de um modo mais sublime e a Ele foi unida por um vínculo mais estreito e indissolúvel (14).

Maria é também a Mãe dos membros de Cristo na ordem da graça, porque cooperou pela obediência, pela fé, pela esperança e pela ardente caridade na obra do Salvador para a restauração da vida sobrenatural (15). E esta singular maternidade perdura ininterruptamente, na economia da graça, desde a Anunciação até hoje, pela intercessão constante que ela faz em favor dos homens para gran-

jejar-lhes os frutos da salvação (16). De facto, Maria, cuja figura admirável é esboçada profeticamente pela Sagrada Escritura já na primeira promessa de salvação (17) e depois delineada na Virgem que iria conceber e dar à luz um Filho de nome Emanuel (18), cooperou para a salvação humana não apenas como instrumento meramente passivo, mas com livre fé e obediência, vivendo estreitamente unida a Seu Filho, desde o momento em que O concebeu virginalmente até à morte que Ele na cruz padeceru por toda a humanidade (19). Mas esta Sua missão materna na obra da Redenção e santificação dos homens não se origina de uma necessidade interna. Deriva-se do divino Beneplácito. Provém dos superabundantes merecimentos de Cristo. Tem por única base a mediação dele a que está subordinada e em que vai buscar toda a sua força (20).

Maria é, além disso, o tipo da Igreja, em virtude da divina maternidade e da missão pela qual está unida com Seu Filho Redentor, como também em virtude das Suas singulares graças e funções de Mãe e de Virgem. A Igreja realmente é mãe, enquanto gera para nova vida, por meio da pregação e do baptismo, os filhos concebidos do Espírito Santo e nascidos de Deus. É igualmente

Virgem, enquanto guarda íntegra e puramente a palavra dada ao Esposo, conservando virginalmente uma fé incorruptível, uma sólida esperança e uma sincera caridade (21). Contemplando-A na meditação do Verbo feito homem, a Igreja penetra com mais profundidade no sublime mistério da Encarnação. Imitando-A na prática das virtudes e no papel de mãe que Ela desempenhou na Redenção, a Igreja prossegue jubilosa na sua missão de continuadora da obra de Cristo (22). A grandeza de Maria reside, pois, em ser toda de Cristo e em levar a humanidade para Cristo.

É nesta visão doutrinária do lugar de Maria no mistério de Cristo e da Igreja e de seu papel na economia da salvação que se deve situar o culto mariano que em Fátima tem o centro.

É segundo estes sólidos princípios teológicos expostos e inculcados pelo II Concílio Ecuménico do Vaticano que se deve desenvolver a devoção mariana que da Fátima se irradia.

É com este espírito de autêntica tradição católica que se deve cultivar, por meio da oração e da penitência, a verdadeira piedade mariana que em Fátima dá o seu testemunho.

Do trono da sua glória, dignese a excelsa Mãe de Deus volver os Seus olhos maternos para o povo cristão que, em Fátima e em todo o Universo, com tanto fervor A invoca, suplicando paz ao mundo, confraternização aos povos e santidade aos membros da Igreja.

Da Mãe querida nos aproximemos, mais uma vez, hoje, caríssimos irmãos, para bradar, nas diversas línguas mas com igual amor, a prece e a alegria dos filhos amorosos: «Salve, Rainha, Mãe de misericórdia, vida, doçura, esperança nossa, salve!»

Guarda de Honra do Coração de Maria — VII

Foi exactamente há quatro anos, 13 de Maio de 1965, em ambiente modesto e recolhido, que na Cova da Iria nasceu a Guarda de Honra do Coração de Maria. Dali começou a estender os seus ramos por essas terras além, e actualmente conta cerca de 15.000 associados, alguns do estrangeiro.

A Guarda de Honra abriu hoje uma página luminosa, a assinalar os seus quatro anos de actividade, pela inauguração duma bandeira caracteristicamente guardista; hoje, pela primeira vez, a sua bandeira ou estandarte marcou presença no cortejo da veneranda imagem da capelinha, que costuma presidir às grandes solenidades, e teve primazia, entre as bandeiras do cortejo, pois assim lhe competia por ser sinal autêntico e oficial da instituição, símbolo sensível de singular veneração dos guardistas à Excelsa Rainha.

Bem visível e elegante, a bandeira da Guarda de Honra do Coração de Maria, artisticamente pintada em seda branca, reproduz exactamente o desenho da Patente dos Guardistas: ladeado por uma roseira agreste, que sobe pela orla esquerda e em cima flecte horizontalmente para a direita, sobressai o Imaculado Coração, traspasado por uma espada alusiva à profecia de Simeão; desse símbolo sagrado, pende um Terço que desce naturalmente e vai prender-se a um emblema nacional, constituído pela Cruz de Cristo e pelas Quinas, quase ao canto inferior direito; este desenho simbólico recorda o pedido da Mensagem da Fátima: «Rezai o terço todos os dias». No reverso da bandeira, uma coroa de 12 estrelas, alusiva à visão do Apocalipse; em letras bem legíveis, o dístico: «Guarda de Honra do Coração de Maria».

Esta bandeira ou estandarte, içada numa vara de 3 metros e meio de altura, era conduzida por um garboso porta-bandeira, rodeado de mais quatro cavalheiros que seguravam longos cordões, pendentes do alto e terminados em grandes borlas; pela sua apresentação, piedosa e ao mesmo tempo correcta e elegante, estes cinco cavalheiros guardistas representavam ali, muito dignamente, os 15.000 associados, sem dúvida presentes em espírito.

Foi assim que o dia 13 de Maio deste

ano de 1969 marcou mais uma data de vitalidade, não somente oferecendo aquela homenagem a Nossa Senhora, mas também pelo testemunho brilhante duma presença inesquecível; esta data pode legitimamente considerar-se um triunfo, que se traduz em parabéns para a Guarda de Honra do Coração de Maria. Dirigentes e benfeitores, e todos quantos contribuíram para a realização deste símbolo tão eloquente, terão certamente os seus nomes gravados no livro da vida, e Nossa Senhora lhes há-de retribuir paga generosa e perdurável.

Oxalá que a linda bandeira da Guarda de Honra nunca falte nos grandes cortejos da veneranda Imagem da Cova da Iria, quer dizer, que nas grandes peregrinações tome sempre o seu lugar de honra, como símbolo representativo de todos os guardistas, como afirmação de lealdade à Rainha excelsa!

VII Semana de Estudos Missionários

Vai realizar-se, de 14 a 19 de Setembro, no Seminário da Boa Nova (Valadares — Vila Nova de Gaia), a VII Semana de Estudos Missionários, sob o tema: *A Missão na cidade dos homens, hoje*.

Será principal conferente Mons. Alberto Dondeyne, Professor da Universidade de Lovaina, que pronunciará uma série de palestras sobre o assunto, em que é especialista. Falarão também outros oradores competentes.

Esta Semana de Estudos destina-se a todos — sacerdotes, religiosos e leigos — que desejam tomar uma consciência mais viva da sua responsabilidade missionária dentro da Igreja.

As pessoas interessadas poderão fazer a sua inscrição no SECRETARIADO DAS SEMANAS MISSIONÁRIAS — Seminário das Missões — CUCUJÃES.

NOTAS

- (1) Cfr. Jo. 4, 24
- (2) Cfr. Jo. 16, 24; Mt. 21, 22
- (3) Cfr. I Tim. 5, 17
- (4) Cfr. Ro. 8, 15; Gal. 4, 6
- (5) Cfr. Alocução na audiência geral de 20 de Julho de 1966, em L'Osservatore Romano, 21 Julho 66 pg. 1
- (6) Cfr. Lev. 23, 26-32; Esd. 8, 21
- (7) Cfr. Ro. 8, 17; Col. I, 24; I Pdr. 4, 13
- (8) Cfr. Constituição Apostólica «*Pœnitentini*» em Acta Apostolicae Sedis, LVIII, 1966 pp. 178-180
- (9) Alocução na audiência geral de 20 de Outubro de 1965, em L'Osservatore Romano, 22 Outubro 1965, p. I
- (10) Cfr. Alocução na audiência geral de 10 de Agosto de 1966, em L'Osservatore Romano, 11 Agosto 1966, p. I
- (11) Cfr. Lc. I, 48-49
- (12) Cfr. Col. I, 15-16
- (13) Cfr. Col. I, 19
- (14) Cfr. Lumen Gentium, 66
- (15) Cfr. Ibidem, 52
- (16) Cfr. Ibidem, 53
- (17) Cfr. Ibidem, 61
- (18) Cfr. Ibidem, 62
- (19) Cfr. Gn. 3, 15
- (20) Cfr. Is. 7, 14
- (21) Cfr. Lumen Gentium, 55-59
- (22) Cfr. Ibidem, 62
- (23) Cfr. Ibidem, 64

Vida do Santuário **Abril**

DOENTES DA ITÁLIA

Estiveram no Santuário, nos dias 25 e 26, cerca de 100 peregrinos italianos dos quais 25 doentes que vieram implorar as bênçãos de Nossa Senhora e a cura das suas enfermidades.

Presidiu à peregrinação o Bispo de Perusa, Dom Fernando Lambrichini, e foi organizada pela «Unione Nazionale Italiana Trasporto Ammalati a Lourdes e Santuari d'Italia», de Roma. Os doentes são de diversas regiões da Itália tendo feito a viagem de avião. Com estes doentes vieram diversos médicos e enfermeiras e 12 sacerdotes, além do Dr. Stefano Maranda, presidente da Unitalisi.

Esta peregrinação faz parte dum grupo de 7 voos aéreos que principiaram no dia 24 de Abril e terminam no dia 20 de Maio. O segundo grupo virá de avião da Sicília, o terceiro de Milão, o quarto e o quinto da Toscana, e o sexto da Sardenha.

Os doentes italianos foram recebidos no Hospital do Santuário. Todos os peregrinos tomaram parte numa celebração presidida pelo Bispo de Perusa. Entre outras cerimónias houve procissão das velas, reza do terço na Capela das Aparições e via-sacra. Assistiram ainda à exibição da fita sobre a peregrinação do papa Paulo VI à Fátima.

UMA IMAGEM DE NOSSA SENHORA PARA O CANADÁ

Foi benzida e enviada para a cidade de Oakville, na província de Ontário, no Canadá, uma imagem da Virgem da Fátima. Esta imagem foi benzida na Capela das Aparições e transportada gratuitamente pela Companhia canadiana Pacific para ser entregue ao P.º Luís Lima Esteves, que se propõe visitar com ela todas as residências dos emigrantes portugueses na Província de Ontário.

PRIMEIRO CURSO NACIONAL DE ORIENTAÇÃO VOCACIONAL

Com a participação de 320 sacerdotes, religiosos e religiosas e leigos, de várias partes do país, decorreu no Santuário, de 28 a 4 de Maio, o I Curso Nacional de Orientação Vocacional e Pastoral da Juventude.

Promovido pelo Centro Nacional da Pastoral das Vocações e patrocinado pela Comissão Episcopal da Pastoral, o curso foi dirigido pelos padres André Vela e Ibañez, conhecidos sacerdotes jesuítas do Departamento de Vocações do CELAM que têm desenvolvido grande actividade em diversos países, sobretudo na Colômbia, em prol das vocações.

Durante uma semana, os dois sacerdotes falaram sobre a Vocação cristã na Mística do Diálogo, a Vocação sacerdotal e religiosa no II Concílio do Vaticano, a Vocação do Laicado, a Vocação dentro da Pastoral de conjunto, o diálogo vocacional como compromisso histórico e pessoal, as diversas idades da eleição, a decisão vocacional como decisão madura, as etapas na educação da fé, a temática da evangelização, a mística cristã na revisão da vida, a mística do grupo e a sua acção, as estruturas e enucleação das Comunidades, etc..

À primeira sessão presidiu o Senhor Dom Agostinho de Moura, bispo de Portalegre e Castelo Branco, que enalteceu a importância deste curso e agradeceu a colaboração de todos para o seu maior proveito.

Ao curso assistiram, além do Senhor Bispo de Portalegre, os senhores Arcebispo-Bispo de Beja e o Bispo do Funchal, muitos sacerdotes professores de Moral em diversos estabelecimentos de ensino, directores da Obra das Vocações, etc.

Os Prelados presidiram a celebrações em vários dias com a participação dos sacerdotes que tomaram parte no curso.

SEGUNDA PEREGRINAÇÃO DE CIGANOS DO ALENTEJO

Pela segunda vez, vieram em peregrinação ao Santuário da Cova da Iria cerca

de duas centenas de ciganos que habitualmente residem e fazem a sua vida nas regiões de Évora, Estremoz, Montemor-o-Novo, Elvas, Campo Maior e Vila Franca de Xira.

A peregrinação foi organizada pelo Centro de Promoção Social dos Ciganos dirigido pelo P.º Filipe Marques de Figueiredo, de Évora, que tem exercido grande actividade em prol das famílias ciganas da região do Alentejo.

Os peregrinos vieram de camioneta e em alguns carros seus e fizeram a entrada no recinto das aparições a cantar em procissão, tendo-se dirigido à Capela das Aparições onde rezaram à Virgem da Fátima. Em seguida, houve missa na Basílica celebrada pelo P.º Filipe coadjuvado pelos padres Fernandes, de Souzel, Lopes, de Santa Marta, Salvador, de Campo Maior. Durante a missa, os ciganos cantaram diversos cânticos e alguns confessaram-se e comungaram.

Houve ainda uma procissão para o calvário húngaro com paragem nas 14 estações da via-sacra e missa na capela de Santo Estêvão.

Na Fátima e durante a viagem, os peregrinos foram auxiliados pelas Religiosas Concepcionistas de Évora e Franciscanas Missionárias de Maria, de Montemor-o-Novo.

BISPO AUXILIAR DO RIO DE JANEIRO

Celebrou missa na Capela das Aparições Mons. Mário T. Gorgel, Bispo auxiliar do Rio de Janeiro, no Brasil, o qual deixou escritas no Livro de Honra as seguintes palavras: «Com grande alegria vejo realizar hoje uma aspiração de muitos anos. Que Nossa Senhora de Fátima abençoe os trabalhos do meu vicariato».

Maio

DOENTES DA ITÁLIA

De 29 de Abril a 2 de Maio, esteve no Santuário o segundo grupo de doentes da Itália, sob a direcção espiritual de Mons. Pietro Marcatato, vigário geral do Cardeal Carpino, Arcebispo de Palermo. Deste grupo faziam parte doentes da Sicília e do Sul da Itália. A viagem foi feita de avião desde Catânia.

Além de cerimónias no Santuário, os peregrinos italianos ouviram missa na Capela de Santo Estêvão do Calvário húngaro e no Mosteiro da Batalha onde estiveram no dia 1 de Maio. Realizaram ainda a procissão das velas e assistiram a uma missa na Capela das Aparições.

SUPERIORA GERAL DAS IRMÃS DOROTEIAS

A caminho do Brasil, passou pela Fátima a Madre Maria de Piro, superiora geral da Congregação das Irmãs Doroteias.

Receberam-na na Fátima a Superiora Provincial Portuguesa, quase todas as superiores locais, o noviciado e muitas irmãs das várias Casas de Portugal num total de cerca de 500 religiosas.

A Superiora Geral, que vai ao Brasil para tomar parte na reunião da comissão especial para os trabalhos preparatórios da revisão da Constituição da Congregação das Irmãs de Santa Doroteia, veio na companhia das Irmãs Membros do Conselho Geral e das Delegadas europeias da Comissão Especial.

Na Fátima efectuaram-se várias cerimónias presididas pelo P.º José Carvalhais, superior provincial da Companhia de Jesus, que celebrou missa e fez uma homilia. Houve uma via-sacra na Colunata.

CENTENÁRIO DAS IRMÃS DOMINICANAS

Integrada nas comemorações do 1.º centenário da fundação das Irmãs Domini-

canas, realizou-se no Santuário uma concentração das alunas de todos os colégios da Ordem no nosso País, em número de alguns milhares. Com as actuais alunas vieram muitas antigas e numerosas famílias.

O Rev. P.º João Domingos, Prior do convento dominicano, presidiu à concelebração e fez uma homilia. Na Casa das Irmãs Dominicanas houve uma festa pelos alunos do Externato de São Domingos.

QUARTA PEREGRINAÇÃO DE DOENTES DA ITÁLIA

No dia 7, veio ao Santuário da Fátima a quarta peregrinação de doentes, médicos e enfermeiras da Itália. Este grupo, que veio de avião desde Milão, é composto de 70 pessoas. Dirigia-o espiritualmente o Rev. P.º Angelo Alberto Camiliani, capelão do Hospital da cidade de Milão.

No Conselho Nacional, efectuado de 24 a 26 de Fevereiro de 1969, a Unitalisi decidiu incluir na sua actividade o Santuário da Fátima. Foi fundada em 1903, com aprovação do Santo Padre Pio X. Nessa altura, as peregrinações iam a Lurdes e eram organizadas pelo Bispo de Bérgamo, Mons. Tedeschi, que tinha como secretário D. Angelo Roncalli, mais tarde o Papa João XXIII. A uma delas juntou-se o doente João Tomassi que fez a viagem num carrinho. A presença deste doente, que embora não fosse curado sentiu uma grande conformidade e resignação com a sua doença, fez surgir a ideia de conduzir outros doentes a Lurdes. Foi organizado o regulamento e criada a Unitalisi, com a aprovação e bênção de S. Pio X.

Os membros desta Organização, médicos, enfermeiros e enfermeiras, sacerdotes e dirigentes, prestam o seu serviço gratuitamente, tanto durante o tempo que duram as peregrinações como no espaço necessário para a sua organização, nos escritórios, etc.. O Presidente da Unitalisi é o Cardeal Luís Traglia, e o Secretário Geral, o Eng. Jorge Gennari. Em cada Diocese da Itália existe uma delegação para tratar da inscrição de doentes. Existem ainda duas delegações, uma em Malta e outra na República de San Marino.

Durante o corrente ano o programa da organização compreende 76 comboios especiais para Lurdes, 37 para Loreto e os primeiros 7 aviões para a Fátima, calculando em 80.000 o número de participantes.

Dadas as dificuldades verificadas com o transporte de doentes em autocarro de Lisboa à Fátima (percurso longo, dificuldades de movimento e sobretudo dificuldades de embarque e desembarque dos doentes que apenas podem ser transportados em carros e macas), levou a Unitalisi a admitir somente doentes que possam garantir a possibilidade de movimento e indepen-

dência, até que exista na Fátima um campo de aviação que permita trazer os doentes por este meio de transporte, evitando o transbordo e o consequente agravamento de transporte em autocarros de Lisboa à Fátima.

160 PEREGRINOS DE MUNIQUE

Vieram à Cova da Iria 160 peregrinos da diocese de Munique que sob a direcção espiritual do Padre Adalberto, capuchinho do convento de Munique, realizaram diversas cerimónias, como: procissão das velas, missa na Basílica e na capela de Santo Estêvão do calvário húngaro, e visitaram diversos lugares relacionados com as aparições.

UM SOLDADO DE MOÇAMBIQUE FEZ UMA IMAGEM DA VIRGEM DA FÁTIMA E VEIO TRAZÊ-LA À COVA DA IRIA NA PEREGRINAÇÃO DO DIA 13

Na peregrinação mensal de Maio esteve presente o soldado Francisco Sembezero Luís, número 720445/67, da terceira companhia do Batalhão de Caçadores número 20, da Região Militar de Moçambique, que veio trazer uma imagem da Virgem da Fátima que ele próprio fez de pau preto da região do Niassa.

Este soldado é natural de Marrómeu, reside em Vila Pery e trabalha na confecção de objectos de marfim. Durante o serviço militar fez uma bela imagem de pau preto com a altura de 80 cm, e decidiu oferecê-la ao Santuário da Cova da Iria. Manifestou o desejo de vir pessoalmente entregá-la, desejo que o Sr. Governador Geral de Moçambique prontamente satisfizesse por intermédio do Senhor Ministro do Exército.

A estátua foi benzida pelo Sr. D. António dos Reis Rodrigues, Bispo de Madarsuma, Vigário-Geral das Forças Armadas, quando recentemente esteve em Olivença, arredores de Vila Cabral, onde o soldado Francisco Luís se encontrava a prestar serviço militar.

O Reitor do Santuário, Mons. Borges, agradeceu a oferta e entregou ao Francisco Luís medalhas e estampas para ele levar à sua família em Moçambique.



Fátima e os Corações de Jesus e Maria

NO Congresso Mariano de Campinas, no Brasil, a 7 de Setembro de 1946, disse o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa:

— «A missão especial da Fátima é a difusão no mundo do culto ao Imaculado Coração de Maria. À medida que a perspectiva do tempo nos permitir julgar melhor os acontecimentos, de que fomos testemunhas, estou certo que melhor se verá que Fátima será para o culto do Coração de Maria o que Paray-le-Monial foi para o culto do Coração de Jesus. Fátima, de algum modo, é a continuação, ou melhor, a conclusão de Paray: reúne aqueles dois Corações que o mesmo Deus uniu na obra divina da Redenção dos Homens.»

A Fátima não veio obscurecer ou suprimir a devoção ao Coração de Jesus. Vem, antes, pôr o Coração de Maria «ao lado» do Coração do seu Divino Filho.

Tal é o sentido das últimas recomendações da Jacinta à sua prima Lúcia:

— «Diz a toda a gente que Deus nos concede as graças por meio do Coração Imaculado de Maria, que lhas peçam a Ela, que o Coração de Jesus quer que, a seu lado, se venere o Coração Imaculado de Maria, que peçam a paz ao Coração Imaculado de Maria, que Deus lha entregou a Ela. Se eu pudesse meter no coração de toda a gente, o lume que tenho cá dentro do peito a queimar-me e fazer-me gostar tanto do Coração de Jesus e do Coração de Maria!»

Esta união dos dois corações manifesta-se nas diversas aparições da Fátima, sobretudo nas do Anjo.

Na sua primeira visita recomenda ele aos pastorinhos: «Os Corações de Jesus e Maria estão atentos à voz das vossas súplicas».

E na segunda vez profere estas palavras: «Os Corações de Jesus e Maria têm sobre vós designios de misericórdia».

Finalmente, na terceira aparição ensina-lhes um acto de desagravo à Santíssima Trindade que termina desta forma: «E pelos méritos infinitos do seu santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria peço-Vos a conversão dos pobres pecadores».

Os pequenos pastores, sobretudo a Jacinta, deixaram-se compenetrar de profunda devoção para com os Corações de Jesus e de Maria.

A mais pequenina dos videntes beijava com frequência uma estampa do Coração de Jesus e, voltada para a Lúcia, exclamava:

— «Beijo-o no Coração, que é do que mais gosto. Quem me dera também um Coração de Maria! Não tens nenhum? Gostava de ter os dois juntos.»

Outra vez dizia: — «Gosto tanto de Nosso Senhor e de Nossa Senhora que nunca me canso de lhes dizer que Os amo».

Do seu peito abrasado de amor brotavam estas centelhas:

— «Se eu pudesse meter no coração de toda a gente, o lume que tenho cá dentro do peito a queimar-me e fazer-me gostar tanto do Coração de Jesus e do Coração de Maria!»

Qual a razão profunda da união destes dois Corações? É que Deus os uniu a ambos — como acima nos dizia o Senhor Cardeal Patriarca — «na obra divina da Redenção dos homens».

O Eterno Pai quis unir intimamente Maria Santíssima a seu Divino Filho no mistério da salvação humana. A Mãe de Deus, que nos ajudou a remir com os seus sofrimentos, compaixão e livre consentimento, continua essa sua missão alcançando-nos todas as graças. «Nada do imenso tesouro da graça nos é concedido se não por Maria» (Papa Leão XIII).

Nada desce do Céu à terra senão por Jesus e Maria, e também nada sobe da terra até ao Céu senão através de Jesus e Maria.

Esboço biográfico de D. Agnelo Rossi

D. Agnelo Rossi nasceu na pequena cidade de Joaquim Egídio, município de Campinas, a 4 de Maio de 1913. Os primeiros estudos fê-los na sua terra natal e no Grupo Escolar dos Valinhos. No Seminário Diocesano de Campinas, completou o Curso de Humanidades e de Filosofia.

Em 1934 foi escolhido para cursar Teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma.

Foi ordenado sacerdote nesta cidade, na Basilica de S. João de Latrão, a 27 de Março de 1937. Da sua formação especializada salientamos três cursos: Protestantismo na América Latina (2 em Roma), Acção Católica (na Argentina) e Organização da Congregação da Doutrina Cristã (nos E. U.), tendo publicado vários livros referentes aos assuntos da sua especialização. Dentre os vários cargos ocupados como sacerdote, salientam-se:

— Professor do Seminário Central de São Paulo; catedrático de Filosofia e director da Faculdade de Filosofia, vice-reitor da Universidade Católica, em Campinas; presidente do Secretariado Nacional da Defesa da Fé.

Em 1956 foi nomeado bispo de Barra do Piraí (Rio de Janeiro), sendo sagrado a 15 de Abril do mesmo ano. Em 1962 foi transferido para a arquidiocese do Ribeirão Preto (S. Paulo), tomando posse como arcebispo a 30 de Setembro de 1962.

Foi nomeado cardeal, sob o «título da Grande Mãe de Deus», quando era arcebispo de São Paulo, para onde tinha sido transferido em 1 de Novembro de 1964, recebendo a investitura cardinalícia no consistório de 25 de Fevereiro de 1965.

Doutor «Honoris Causa» pelas universidades de Indiana e de Nova Iorque (E. U.), é o Grão-Chanceler da Pontifícia Universidade Católica de S. Paulo. Durante a realização do II Concílio do Vaticano tomou parte em todas as sessões, sendo membro das comissões da Disciplina do Clero e Fiéis e da Revisão do Código de Direito Canónico.

Aplicando as directrizes conciliares, dividiu a arquidiocese de S. Paulo em

«Não se pode chegar ao Pai, senão pelo Filho e igualmente não se pode chegar ao Filho senão através da Mãe» (Papa Leão XIII).

Por isso, onde estiver o Redentor deve estar a Corredentora, onde estiver o Mediador deverá estar a Medianeira, onde estiver o Coração de Jesus deverá estar o Coração de Maria. Sempre os dois juntos.

Escrevia Santa Margarida Maria, a confidente do Coração de Jesus em Paray, ao P.^o Croiset:

— «Os Sagrados Corações de Jesus e Maria são de tal modo conformes e unidos, que não se pode ter entrada num sem a ter no outro; com a diferença de que o Coração de Jesus não tolera almas senão sumamente puras, enquanto que o de Maria purifica, mediante as graças que lhes obtém, as que o não são, pondo-as em condições de ser recebidas pelo Coração de Jesus.»

É isto o que se manifesta tanto em Paray, o centro da devoção ao Coração de Jesus, como na Fátima, o foco irradiador da devoção ao Coração Imaculado de Maria.

Padre Fernando Leite

UMA CURA NA FÁTIMA?

Uma equipa de médicos responsáveis pelos serviços clínicos do Santuário está a examinar um processo de cura numa religiosa americana que afirma ter sido curada em 13 de Agosto de 1968 na Fátima.

Chama-se Irmã Joan Noreen, da Congregação de S. José, da Paróquia de S. Lucas, de Clenside, no Estado da Pensilvânia, na América do Norte.

Esta religiosa, durante seis meses, de 4 de Fevereiro a 13 de Agosto de 1968, sofreu as torturas duma grave enfermidade: extrema letargia e visão dupla e enevoada, perda total do equilíbrio e diminuição da coordenação dos sentidos, náuseas e incapacidade de caminhar sem forte apoio. Foi tratada, sem resultado, por 4 eminentes médicos norte-americanos.

Cansada de tanto sofrer, manifestou à sua Superiora o desejo de vir ao Santuário pedir a sua cura, tanto mais que nos meses de Julho e Agosto a doença agravara-se.

Partiu de avião no dia 11 de Agosto de 1968, acompanhada da Irmã Maria Elisabeth, do convento de Nossa Senhora das Mercês de Salem, Carolina do Norte, para Lisboa, donde saiu para a Fátima no dia 13. Chegou à Cova da Iria pelas 11.30 e ainda assistiu a parte da missa e bênção dos doentes, mas não sentiu qualquer melhoria.

Porém, à tarde, as duas religiosas, com muita dificuldade para a doente, voltaram à Basilica onde se estava a celebrar a missa vespertina. Foi durante a missa, na altura da consagração, que a Irmã Joan notou qualquer coisa estranha em si. Quando o sacerdote elevou a hóstia, a sensação de vertigem e as náuseas, consequentes desaparecera. Subitamente a força voltou às suas pernas. Pôde ver claramente sem distorção. Num único instante recuperou total bem-estar físico.

A Irmã Noreen e a sua companheira regressaram a Nova Iorque no dia 17 de Agosto. A 4 de Setembro retomava o seu trabalho na paróquia de S. Lucas onde ensina 111 rapazes e raparigas da 7.^a classe e dirige o programa da catequese elementar da Paróquia.

O processo da sua cura foi enviado ao Senhor Bispo de Leiria para que os médicos do Santuário se pronunciem.



D. Agnelo Rossi, presidindo à missa de Pentecostal em 13 de Maio na Fátima